

Em tempo de Quaresma é ocasião para refletirmos sobre a oração.

ORAÇÃO INICIAL

Senhor, Pai, meu “Abba”:

Que nesta Quaresma, não me limite à cinza na cabeça.

- Antes me lembre que sou pó.

Não me contente em arrepender-me.

- Antes acredite no Evangelho.

Não me baste converter os outros.

- Antes esteja disponível a converter-me.

Não me mate a percorrer o mundo para mudar a cor das coisas.

- Antes mude as coisas.

Não durma tranquilo porque sou feliz.

- Antes possa fazer feliz alguém.

Não fique aí parado à espera da Terra Prometida.

- Antes aceite o Reino que já chegou.

E agora que não me feche neste poema de boas intenções.

- Mas que faça o meu de realidades.

Frei Manuel Rito Dias - Frade Capuchinho. (Adaptado).

E nestes tempos conturbados, ainda mais. Fomos alertados pelo Papa Francisco para:

Orar e Jejuar pela Paz na Ucrânia e no Mundo no próximo dia 2 de março de 2022 – quarta-feira de cinzas-início da Quaresma

APELO DO PAPA FRANCISCO

Estou com uma grande dor no coração devido ao agravamento da situação na Ucrânia.

Apesar dos esforços diplomáticos das últimas semanas, estão a abrir-se cenários cada vez mais alarmantes.

Como eu, muitas pessoas em todo o mundo estão a sentir angústia e preocupação.

Uma vez mais a paz de todos é ameaçada pelos interesses das partes.

Gostaria de apelar a quantos têm responsabilidades políticas para que façam um sério exame de consciência perante Deus, que é o Deus da paz e não da guerra; que é o Pai de todos e não apenas de alguns, que quer que sejamos irmãos e não inimigos.

Peço a todas as partes envolvidas para que se abstenham de qualquer ação que possa causar ainda mais sofrimento às populações, desestabilizando a convivência entre as nações e desacreditando o Direito internacional.

E agora gostaria de apelar a todos, crentes e não-crentes. Jesus ensinou-nos que à diabólica insensatez da violência se responde com as armas de Deus, com a oração e o jejum.

Convido a todos a fazer no próximo dia 2 de março, quarta-feira de Cinzas, um Dia de Jejum pela Paz.

Encorajo de modo especial os crentes a que nesse dia se dediquem intensamente à oração e ao jejum.

Que a Rainha da Paz preserve o mundo da loucura da guerra.

Francisco

Pegando neste grande desafio do Papa Francisco, centremos a nossa reflexão de hoje na ORAÇÃO e procuremos, humildemente, perceber o sentido e o fim último da ORAÇÃO.

Deambulemos por algumas situações nossas conhecidas a caminho do total sentido da oração, tal qual é desejado pelo nosso Deus, único e verdadeiro, pleno de AMOR. Foi Jesus de Nazaré, o nosso irmão que

passou entre nós fazendo o bem, que nos ensinou a rezar ao papá, “*Abba*”, e que os evangelistas trouxeram até nós. Citemos, a título de exemplo, o evangelista Mateus:

Mt 7, 7-11

⁷«*Pedi, e ser-vos-á dado; procurai, e encontrareis; batei, e não-de abrir-vos.* ⁸*Pois, quem pede, recebe; e quem procura, encontra; e ao que bate, não-de abrir.* ⁹*Qual de vós, se o seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra?* ¹⁰*Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente?* ¹¹*Ora bem, se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está no Céu dará coisas boas àqueles que lhas pedirem.»*

Daqui perguntarmos:

Se pedimos, receberemos?

Se procurarmos, encontraremos?

Se batermos à porta, esta abrir-se-á?

O evangelista Mateus responde a todas as questões, sempre pela positiva. E diz ainda:

Quem pede, recebe;

Quem procura encontra;

O que bate à porta, verá que ela se abre.

Urge perceber tudo isto para desfazer muitos equívocos sobre:

O que é rezar, orar?

Como perceber a Oração quando muitas vezes parece que nada acontece quando rezo?

Rezar é conversar. Se converso com um amigo, a isso chamo diálogo. Se converso com Deus, a essa conversa chamo Oração.

Mas, como responder a questões como esta: eu rezo e não sinto nada acontecer?

É fundamental sentir-me comunicado e totalmente consciente que Deus não precisa da minha oração. Eu é que preciso de interpretar bem essa conversa como meu Deus. Eu não faço nenhum favor ao meu Deus rezando. Se continuo nesse cumprimento de onda, em nada me diferencio dum pagão ou de um idólatra. O cristão posiciona-se de forma diferente. Se eu não conversar com Deus, eu empobreço-me. Deus responde-me sempre. Nunca posso duvidar disso. Se sou batizado e tenho Fé o Espírito de Deus está sobre mim.

Porém, eu tenho de perceber como é que tal acontece.

Quando lemos e sabemos que Deus é tudo, como ter, então, a certeza que Deus me dá resposta para tudo?

Sim, Deus é amor em plenitude e tudo quer dar de bom aos seus filhos. **Mas, nunca limitando a nossa liberdade.** O problema é nosso e não de Deus e é urgente perceber isso. Alguns exemplos:

Exemplo 1. Pedi a Deus que salvasse X e ele morreu. Deus não ouviu a minha oração, somos logo tentados a concluir. Percebamos o que muitas vezes deturpamos. Para que a morte não acontecesse, tantas vezes cedo de mais, o homem deveria ter trabalhado em termos da medicina que atempadamente diagnosticasse a doença, que a medicina tivesse investigado o suficiente para encontrar o remédio para essa doença, etc. Deus ouviu a minha oração, mas não se sobrepõe à liberdade dada aos homens. Quando rezo e se tenho Fé, mesmo que a morte aconteça eu fico um pouco mais tranquilo. Foi a incapacidade da ciência que não salvou quem acabou por morrer. Se tenho Fé, também sei que a morte só é a passagem para a Vida.

Exemplo 2. Pedi a Deus que convertesse o meu amigo que é pagão. Deus envia toda a força do Espírito Santo para que tal mudança aconteça. Mas mais não faz. Dá inteira liberdade à opção do meu amigo. Se ele não aceitar este desafio, tudo continua na mesma, mas eu, pelo menos, fiquei muito mais tranquilo sobre o resultado da minha conversa com Deus através da oração. E sempre o devo fazer sem hipocrisia, no silêncio do meu quarto, pois Deus vê no “oculto” o desejo contido na minha oração. A oração é, sempre, um tempo de alegria, um tempo de louvação.

Cada uma destas duas situações podemos muito bem resumi-las no que dizia Santo Agostinho:

“Devemos rezar como se tudo dependesse de Deus. Devemos atuar como se tudo dependesse de mim”

Uma pequena história, em jeito de anedota, pode-nos ajudar ainda mais a perceber a dinâmica de conversar com Deus, isto é rezar, fazer oração.

"Deus resolveu passar um tempo na Terra com alguns dos seus arcanjos. Passando por uma estrada viu um condutor arreliado com a avaria do seu automóvel e, enquanto procurava reparar a avaria, encadeava uma linguagem "vernácula" sobre o que lhe estava a acontecer. Deus toma a iniciativa de convocar os seus arcanjos para ajudarem o pobre homem.

Mais adiante encontram uma nova situação . Um outro automóvel, também avariado. O condutor, na berma, de mãos ao alto invocava a Deus que o ajudasse a resolver o problema. Deus passou e seguiu o seu caminho. E logo foi interpelado pelos arcanjos: aquele homem que disparatava mereceu a tua ajuda. Este, que sentado na berma orava para resolver o problema, não mereceu a tua compaixão. Como explicas isto?

E a resposta de Deus foi simples e imediata: aquele fazia algo, estava a pôr em prática a liberdade dos homens que Eu nunca ponho em causa. Lutava contra as suas próprias limitações. Este não fazia nada, papagueava palavras e, por isso, não merece ajuda."

Portanto, pode concluir-se, que rezar não é só o articular de palavras na esperança que qualquer coisa aconteça. Orar é tudo fazer para, na liberdade que nos é dada por Deus, conseguir que tudo seja feito para o bem de tudo e de todos. É o pôr em prática o desiderato da Criação. "Tudo é vosso. Crescei e multiplicai-vos. Dominai a Terra."

Gn 9, 1-3.6-7

¹Deus abençoou Noé e os seus filhos, e disse-lhes: «Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. ²Sereis temidos e respeitados por todos os animais da terra, por todas as aves do céu, por tudo quanto rasteja sobre a terra e por todos os peixes do mar; ponho-os à vossa disposição. ³Tudo o que se move e tem vida servir-vos-á de alimento; dou-vos tudo isso como já vos tinha dado as plantas verdes.....⁶A quem derramar o sangue do homem, pela mão do homem será derramado o seu, porque Deus fez o homem à sua imagem.⁷Quanto a vós, sede fecundos e multiplicai-vos; espalhai-vos pela Terra e multiplicai-vos sobre ela.»

E Jesus de Nazaré disse aos seus apóstolos e discípulos. "Não ficareis sós quando eu vos deixar. O Pai vai enviar-vos o Espírito, o Paráclito, para que tudo consigais vencer".

Jo 16, 16-24

¹⁶«Ainda um pouco, e deixareis de me ver; e um pouco mais, e por fim me vereis.» ¹⁷Disseram entre si alguns dos discípulos: «Que é isso que Ele nos diz: 'Ainda um pouco, e deixareis de me ver, e um pouco mais, e por fim me vereis'? E também: 'Eu vou para o Pai'?» ¹⁸Diziam, pois: «Que quer Ele dizer com isto: 'Ainda um pouco'? Não sabemos o que Ele está a anunciar!» ¹⁹Jesus, percebendo que o queriam interrogar, disse-lhes: «Estais entre vós a inquirir acerca disto que Eu disse: 'Ainda um pouco, e deixareis de me ver, e um pouco mais, e por fim me vereis'? ²⁰Em verdade, em verdade vos digo: haveis de chorar e lamentar-vos, ao passo que o mundo há-de gozar. Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há-de converter-se em alegria! ²¹A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque chegou a sua hora; mas, quando deu à luz o menino, já não se lembra da sua aflição, com a alegria de ter vindo um homem ao mundo. ²²Também vós vos sentis agora tristes, mas Eu hei-de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há-de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria.²³Nesse dia, já não me perguntareis nada. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Ele vo-la dará. ²⁴Até agora não pedistes nada em meu nome; pedi e recebereis. Assim, a vossa alegria será completa.»

Rezar, como dissemos, é conversar com Deus. E, sendo-o, é também e sempre um momento de grande alegria. Como qualquer conversa não deve ser um conjunto de palavras e palavras e palavras, também a conversa com Deus deve ser, sempre que possível, uma conversa sem formulas pré-estabelecidas.

Daqui, então:

- a) *Rezar, nunca pode ser uma penitência ou castigo!*
- b) *Rezar, como conversa com Deus, deve ser o mais espontânea possível!*
- c) *Rezar, não é um "contrato comercial" com Deus. É o acreditar que seremos ouvidos até ao último desejo, pois temos a certeza de que Deus é Amor infinito*

Trabalhemos cada um destes pontos.

- a) **Rezar, nunca pode ser uma penitência ou castigo.**

Pode parecer, por tudo o que já dissemos, algo “esquisito” que muitas vezes seja dada como penitência de confissão o rezar o Pai-nosso ou qualquer outra oração, fórmula ou oração espontânea. Rezar nunca pode ser um castigo ou uma penitência. Sempre deve ser, como dissemos, uma conversa com Deus, uma conversa de pedido ou de agradecimento. Parece-nos que há algo a mudar. Se pecamos e tantas vezes o fazemos, devemos reparar esse desvio. Portanto, se causamos dano ao irmão, devemos reparar esse dano ao irmão e sempre com a preocupação de o compensar pelo menos bom acontecido, etc.... Não faltarão outros exemplos de tipos de penitência de confissão.

b) Rezar, como conversa com Deus, deve ser o mais espontânea possível!

É algumas vezes consensual que a oração, por uso de fórmulas reconhecidas, só deve acontecer em contexto comunitário e de forma a simplificar a oração coletiva. Mas, mesmo nesses casos, quão bom seria que a oração fosse o verdadeiro desejo coletivo de conversar com Deus. Conversar com Deus, usando textos que podem nada ter a ver com o conteúdo deste desejo de conversar, pode ser enfadonho. Este tema foi muito bem trabalhado por Santa Teresa de Lisieux, também conhecida por Santa Teresinha do Menino Jesus, que, no isolamento do Carmelo, dizia: *“quando rezo o rosário, como regra do Carmelo, muitas vezes me enfado. Chego mesmo a não saber o que estou a dizer. Sei, e, isso me consola, que a Mãe, Rainha do Céu, me perdoa e sempre me cobre com o seu manto”*

Tiremos daqui as melhores conclusões.

c) Rezar não é um “contrato comercial” com Deus. É o total acreditar que seremos ouvidos até ao último desejo, pois temos a certeza de que Deus é Amor infinito

Parece que ninguém tem dúvidas sobre o facto da oração não ser um “contrato comercial”. Conversar com Deus é um desejo permanente do Pai com os filhos, e destes com Ele. Do papá “Abba” com aqueles que são a sua Criação. E sempre disposto a escutar os que O procuram até ao limite dos limites. Se temos dúvida, recordemos a conversa de Abraão com Deus:

Gn 18, 20-33

²⁰O SENHOR acrescentou: «O clamor de Sodoma e Gomorra é imenso e o seu pecado agrava-se extremamente. ²¹Vou descer a fim de ver se, na realidade, a conduta deles corresponde ao brado que chegou até mim. E se não for assim, sabê-lo-ei.» ²²Os homens partiram dali, e encaminharam-se para Sodoma. Abraão, porém, continuava ainda na presença do SENHOR. ²³Abraão aproximou-se e disse: «E será que vais exterminar, ao mesmo tempo, o justo com o culpado? ²⁴ Talvez haja cinquenta justos na cidade; matá-los-ás a todos? Não perdoarás à cidade, por causa dos cinquenta justos que nela podem existir? ²⁵ Longe de ti proceder assim e matar o justo com o culpado, tratando-os da mesma maneira! Longe de ti! O juiz de toda a Terra não fará justiça?» ²⁶O SENHOR disse: «Se encontrar em Sodoma cinquenta justos perdorei a toda a cidade, por causa deles.» ²⁷Abraão prosseguiu: «Pois que me atrevi a falar ao meu Senhor, eu que sou apenas cinza e pó, continuarei. ²⁸Se, por acaso, para cinquenta justos faltarem cinco, destruirás toda a cidade, por causa desses cinco homens?» O SENHOR respondeu: «Não a destruirei, se lá encontrar quarenta e cinco justos.» ²⁹Abraão insistiu ainda e disse: «Talvez não se encontrem nela mais de quarenta.» O SENHOR disse: «Não destruirei a cidade, em atenção a esses quarenta.» ³⁰Abraão voltou a dizer: «Que o Senhor não se irrite, por eu continuar a insistir. Talvez lá se encontrem trinta justos.» O SENHOR respondeu: «Se lá encontrar trinta justos, não o farei.» ³¹Abraão prosseguiu: «Perdoa, meu Senhor, a ousadia que tenho de te falar. Talvez não se encontrem lá mais de vinte justos.» O SENHOR disse: «Em atenção a esses vinte justos, não a destruirei.» ³²Abraão insistiu novamente: «Que o meu Senhor não se irrite; não falarei, porém, mais do que esta vez. Talvez lá não se encontrem senão dez.» E Deus respondeu: «Em atenção a esses dez justos, não a destruirei.» ³³Terminada esta conversa com Abraão, o SENHOR afastou-se, e Abraão voltou para a sua morada.

Recordemos como Jesus de Nazaré nos ensinou a conversar com o papá, o “Abba”, e que Mateus tão bem descreve, quando escreve para os judeus cristianizados. A construção da oração do Pai-Nosso, em Mateus, não pode deixar de ser muito estilizada como era próprio dos judeus. Mas, com uma introdução diferenciadora e que temos de perceber e interiorizar (ver sublinhado):

Mt 6, 5-15

⁵«Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. ⁶Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te. ⁷Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que,

por muito falarem, serão atendidos. ⁸Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes.»

⁹«Rezai, pois, assim:

**'Pai nosso, que estás no Céu,
santificado seja o teu nome,**

¹⁰venha o teu Reino;

faça-se a tua vontade,

como no Céu, assim também na terra.¹¹Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia;

¹²perdoa as nossas ofensas, como nós perdoámos a quem nos tem ofendido;

¹³e não nos deixes cair em tentação,

mas livra-nos do Mal.'

¹⁴Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós. ¹⁵Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai vos não perdoará as vossas.»

Já Lucas, trabalha o ensinamento da oração ensinada por Jesus de Nazaré numa outra estrutura, pois escreve para pagãos e outros povos de cultura helénica:

Lc 11, 1-4

¹Sucedeu que Jesus estava algures a orar. Quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: «Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos.» ²Disse-lhes Ele: «Quando orardes, dizei: Pai,

santificado seja o teu nome;

venha o teu Reino;³dá-nos o nosso pão de cada dia;

⁴perdoa os nossos pecados,

pois também nós perdoamos

a todo aquele que nos ofende;

e não nos deixes cair em tentação.»

Hoje poderíamos e para terminar, compor uma oração tão bela e que nos pode mostrar que percebemos bem o que Jesus de Nazaré ensinou aos nossos antepassados sobre o que é rezar, fazer oração, conversar com o papá, o “Abba”.

***Pedi a Deus que me desse força para sobressair perante os outros,
deu-me debilidade para obedecer humildemente.***

***Pedi a Deus que me desse riqueza para obter a felicidade,
deu-me pobreza para ser prudente.***

***Pedi a Deus saúde para poder fazer obras grandiosas,
deu-me algumas enfermidades para fazer obras melhores.***

***Pedi a Deus tudo para gozar a vida,
deu-me a vida para poder gozar de tudo.***

***Não recebi de Deus nada do que pedi,
mas, sim, tudo o que poderia esperar.***

Apesar de mim mesmo, uma a uma foram ouvidas todas as minhas orações.

Sou, entre todos os homens, o mais afortunado.

Rezar para quê?

A oração não se destina a modificar a Deus. Não nos pode amar mais do que nos ama. O seu amor de misericórdia universal é ilimitado. A oração destina-se a modificar a nossa vida, segundo o Espírito de Cristo.
Frei Bento Domingues O.P. – Público - 13 de março de 2022

1. Faço parte de um grupo, bastante ecuménico que, antes da pandemia, se reunia todos os meses para debater questões levantadas, em cada reunião, pelos membros do grupo. Nem sempre se contava com uma agenda prévia. Esta resultava sobretudo das propostas que surgiam no começo de cada encontro.

Na semana passada voltámo-nos a reunir. Uma pergunta que ocupou quase toda a reunião foi provocada pela admirável jornada de oração e jejum pela paz na Ucrânia, na Quarta-feira de Cinzas, convocada pelo Papa Francisco.

Será que Deus está à espera das nossas orações para decidir o que deve fazer? Poderão as nossas orações alterar a vontade de Deus? No caso presente, a população ucraniana e russa é formada por povos maioritariamente religiosos e cristãos, embora de diferentes Igrejas. Deus por quem vai optar? Sendo Deus onnipotente, porque não acaba de vez com todas as guerras?

Estas e outras perguntas do mesmo género manifestam representações de Deus e da oração pouco adequadas e que facilmente resvalam para o absurdo. Fazem de Deus um imperador onnipotente que faz o que quer, quando quer e como quer. Nesta representação, Deus é tudo. Tanto a natureza e as suas leis como o ser humano e a sua liberdade não contam para nada.

Deus não cabe em nenhum dos nossos conceitos. A nossa linguagem simbólica, sobretudo a musical, pode sugerir o mistério inabarcável do mundo e de Deus. Conhecemos a Deus como desconhecido. É, por isso, que o recurso à *teologia negativa* ou *apofática* é fundamental, ao tentar corrigir as nossas maneiras simplistas ou grosseiras de nomear a Deus. A todas as afirmações que formulamos acerca da divindade devemos juntar-lhe sempre uma negação. Para este modo de fazer teologia – que não podemos expor aqui – toda a descrição que a inteligência humana consegue elaborar sobre Deus fica sempre infinitamente aquém daquilo que Deus é. A teologia negativa percebe que todo o esforço da racionalidade em definir Deus e os seus atributos acaba por reduzir Deus à banalidade impossível das nossas conceções humanas. Como escreveu Pascal, é o coração que sente Deus, não a razão.

2. Em Atenas, S. Paulo, formado no monoteísmo bíblico, fervia de indignação ao ver a cidade repleta de ídolos. Mas, quando foi convidado para explicar a sua doutrina, na *Ágora*, começou, como bom retórico, por tentar dispor favoravelmente o seu auditório: “Atenienses, vejo que sois, em tudo, os mais religiosos dos homens. Percorrendo a vossa cidade e examinando os vossos monumentos sagrados, até encontrei um altar com esta inscrição: *Ao Deus desconhecido*”. Isto serviu-lhe para apresentar a mensagem cristã que o movia. Para o conseguir, não hesitou em recorrer a um autor pagão da cultura do público que tinha pela frente: *Na divindade vivemos, nos movemos e existimos* [1].

Espero que os textos que vou selecionar sejam suficientes para nos mostrar que a oração não se destina a modificar a Deus. Não nos pode amar mais do que nos ama. O seu amor de misericórdia universal é ilimitado. A oração destina-se a modificar a nossa vida, segundo o Espírito de Cristo. É um processo de conversão permanente. Por isso, temos de rezar sempre.

Rezar não é privilégio de nenhum povo nem de nenhuma tradição religiosa, seja do Oriente, seja do Ocidente. Contamos com referências bastante abrangentes sobre a oração dos seres humanos [2]. Aqui, interessa-me sublinhar a originalidade da oração no Novo Testamento, sem nenhuma pretensão de ser exaustivo. Pelo contrário, vou destacar alguns textos que julgo fundamentais.

Começo pelo capítulo 8 da Carta aos Romanos, uma espécie de antologia do espírito cristão. Nele transparece uma confiança inquebrantável em Deus e, ao mesmo tempo, a história conturbada em que nos é dado viver, tão difícil que nem rezar sabemos. Passo a citar alguns versículos desse capítulo, embora seja indispensável meditar todo o capítulo: Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que habita em vós.

De facto, todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: *Abbá*, ó Pai! Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus.

É assim que também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois *não sabemos o que havemos de pedir, para rezarmos como deve ser, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis*. E aquele que

examina os corações conhece as intenções do Espírito, porque é de acordo com Deus que o Espírito intercede pelos santos.

Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor que Deus nos tem em Cristo Jesus, Senhor nosso.

3. No Evangelho de S. Mateus, mostra-se que não basta rezar. Faz advertências essenciais: «Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te. Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes». Não desencoraja a oração e até apresenta um modelo, o *Pai-Nosso*, que é uma síntese do Evangelho. Ele próprio recomenda: Pedi e ser-vos-á dado; procurai e encontrareis; batei e hão-de abrir-vos [3].

S. Lucas inventa uma história deliciosa sobre a necessidade de «importunar a Deus», não para obtermos resposta à urgência das nossas necessidades imediatas, mas para acolher o que mais precisamos e ignoramos ou esquecemos: o Espírito de Cristo, o Espírito Santo [4].

Creio que foi Léon Bloy que escreveu: nunca consegui, na oração, obter o que pedi, mas nunca saí da oração como entrei. É precisamente esta mudança, de quem reza, o melhor fruto desta árvore.

Rezamos para quê? Pertence a cada pessoa procurar o seu caminho.

[1] Act 17, 16-34

[2] *Oração dos Homens. Uma antologia das tradições espirituais*, Apresentação, selecção e tradução de Armando Silva Carvalho e José Tolentino Mendonça, Assírio & Alvim, 2006; José Mattoso, *Levantar o Céu. Os labirintos da Sabedoria*, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2012

[3] Cf. Mt. 6, 5-15; 7, 7; ver também: 18,20; 11, 25-30; 14,23; 26, 26-36-46;

[4] Cf. Lc 11, 1-13; 18,1-14.

III DOMINGO QUARESMA – ANO C – 20.03.2022

I LEITURA

AMBIENTE

A primeira parte do livro do Êxodo (Ex 1-18) apresenta-nos um conjunto de “tradições” sobre a libertação do Egito: narra-se a iniciativa de Jahwéh, que escutou os gemidos dos escravos hebreus e teve compaixão deles (cf. Ex 2,23-24).

O texto que nos é proposto como primeira leitura apresenta-nos o chamamento de Moisés, convidado a ser o rosto visível da libertação que Jahwéh vai levar a cabo. Algum tempo antes, Moisés deixara o Egito e encontrara abrigo no deserto do Sinai, depois de ter morto um egípcio que maltratava um hebreu (o caminho do deserto era o caminho normal dos opositores à política do faraó, como o demonstram outras histórias da época que chegaram até nós); acolhido por uma tribo de beduínos, Moisés casou e refez a sua vida, numa experiência de calma e de tranquilidade bem merecidas, após o incidente que lhe arruinara os sonhos de uma carreira no aparelho administrativo egípcio (cf. Ex 2,11-22). Ora, é precisamente nesse oásis de paz que Jahwéh Se revela, desinquieta Moisés e envia-o em missão ao Egito. *in Dehonianos*

Ler o <i>itálico</i> em tom diferente. Ler JÉ-TRO . Em tom diferente o <i>itálico</i> .	<i>Naqueles dias, /</i> Moisés apascentava o rebanho de Jetro , / <i>seu sogro, sacerdote de Midiã. //</i> Ao levar o rebanho para além do deserto, / chegou ao monte de Deus, o Horeb . / Apareceu-lhe então o Anjo do Senhor / numa chama ardente, <i>do meio de uma sarça. //</i> Moisés olhou para a sarça, <i>que estava a arder, /</i> <i>e viu que a sarça não se consumia. ///</i>
Ler HÓ-RÉ-B .	
Ler os <i>itálicos</i> em tom diferente.	
DIÁLOGO ENTRE MOISÉS E DEUS.	
Valorizar o <u>sublinhado</u> . Lê-se: ESPETÁCULO	Então disse a Moisés: // <u>«Vou aproximar-me, /</u> <u>para ver tão assombroso espetáculo: //</u> <u>por que motivo não se consome a sarça?» ///</u> O Senhor viu que ele se aproximava para ver. // Então Deus chamou-o do meio da sarça: // «Moisés! Moisés!» // Ele respondeu: «Aqui estou!» // Continuou o Senhor: // <i>«Não te aproximes daqui, //</i> <i>Tira as sandálias dos pés, /</i> <i>porque o lugar que pisas é terra sagrada».</i> // E acrescentou: «Eu sou o Deus de teu pai, / Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob». ///
Enfatizar, moderadamente, o negrito	
Ler o <i>itálico</i> em tom de discurso direto.	
Valorizar o negrito .	
Ler o <i>itálico</i> em tom de discurso direto.	Então Moisés cobriu o rosto, / com receio de olhar para Deus. // Disse-lhe o Senhor: // <i>«Eu vi a situação miserável do meu povo no Egípto; //</i> <i>escutei o seu clamor provocado pelos opressores. //</i> <i>Conheço, pois, as suas angústias. //</i> <i>Desci para o libertar das mãos dos egípcios /</i> <i>e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa, /</i> <i>onde corre leite e mel».</i> // Moisés disse a Deus: // «Vou procurar os filhos de Israel e dizer-lhes: // ‘O Deus de vossos pais enviou-me a vós’. // Mas se me perguntarem qual é o seu nome, / que hei de responder-lhes?» // Disse Deus a Moisés: // «Eu sou ‘Aquele que sou’». // E prosseguiu: // «Assim falarás aos filhos de Israel: // O que Se chama ‘Eu sou’ enviou-me a vós». // Deus disse ainda a Moisés: // «Assim falarás aos filhos de Israel: // ‘O Senhor, Deus de vossos pais, / Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, / enviou-me a vós. / Este é o meu nome para sempre, / assim Me invocareis de geração em geração’». ///
Enfatizar o <u>sublinhado</u> .	
Valorizar expressivamente o negrito , interrogação.	
Enfatizar o negrito .	
Ler o <i>itálico</i> em tom de discurso direto.	
Valorizar o <i>itálico</i> e, de forma especial, o negrito .	
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

MENSAGEM a retirar desta leitura:

A afirmação “Jahwéh tirou Israel do Egipto” será a primitiva profissão de fé de Israel. É o facto fundamental da fé israelita. Ora, é essa descoberta que está no centro desta leitura.

O texto que nos é proposto divide-se em duas partes. Na primeira (vers. 1-8), temos o relato da vocação de Moisés. O contexto é o das teofanias (manifestações de Deus): o “anjo do Senhor”, o fogo (vers. 2-3), a onnipotência, a santidade e a majestade de Deus (vers. 4-5), a apresentação de Deus, o sentimento de “temor” que o homem experimenta diante do divino (vers. 6); e Deus manifesta-Se para “comprometer” Moisés, enviando-o em missão (vers. 7-8) e fazendo dele o instrumento da libertação. Fica claro que o chamamento de Moisés é uma iniciativa do Deus libertador, apostado em salvar o seu Povo. Deus age na história humana através de homens de coração generoso e disponível, que aceitam os seus desafios. Na segunda parte (vers. 13-15), apresenta-se a revelação do nome de Deus (uma espécie de “sinal” que confirma que Moisés foi chamado por Deus e enviado por Ele em missão): “Eu sou (ou serei) ‘aquele que sou’ (ou que serei)”. Este nome acentua a presença contínua de Deus na vida do seu Povo, uma presença viva, activa e dinâmica, no presente e no futuro, como libertação e salvação.

Os israelitas descobriram, desta forma, que Jahwéh esteve no meio daquela tentativa humana de libertação e conduziu o processo, de forma que um povo vítima da opressão passasse a ser livre e feliz. Para a fé de Israel, Jahwéh não ficou de braços cruzados diante da opressão; mas iniciou um longo processo de intervenção na história que se traduziu em libertação e vida para um povo antes condenado à morte.

Para Israel, o Êxodo tornar-se-á, assim, o modelo e paradigma de todas as libertações. A partir desta experiência, Israel descobriu a pedagogia do Deus libertador e soube que Jahwéh está vivo e atuante na história humana, agindo no coração e na vida de todos os que lutam para tornar este mundo melhor. Israel descobriu – e procurou dizer-nos isso também a nós – que, no plano de Deus, aquilo que oprime e destrói os homens não tem lugar; e que sempre que alguém luta para ser livre e feliz, Deus está com essa pessoa e age nela. Na libertação do Egipto, os israelitas – e, através deles, toda a humanidade – descobriram a realidade do Deus salvador e libertador. *in Dehonianos*

III DOMINGO QUARESMA – ANO C – 20.03.2022

II LEITURA

AMBIENTE

No mundo grego, os templos eram os principais matadouros de gado. Os animais eram oferecidos aos deuses e imolados nos templos. Uma parte do animal era queimada e outra parte pertencia aos sacerdotes. No entanto, havia sempre sobras, que o pessoal do templo comercializava. Essas sobras encontravam-se à venda nas bancas dos mercados, eram compradas pela população e entravam na cadeia alimentar. No entanto, tal situação não deixava de suscitar algumas questões aos cristãos: comprar essas carnes e comê-las – como toda a gente fazia – era, de alguma forma, comprometer-se com os cultos idolátricos. Isso era lícito? É essa questão que inquieta os cristãos de Corinto.

A esta questão, Paulo responde em 1 Cor 8-10. Concretamente, a resposta aparece em vinte versículos (cf. 1 Cor 8,1-13 e 10,22-29): dado que os ídolos não são nada, comer dessa carne é indiferente. Contudo, deve-se evitar escandalizar os mais débeis: se houver esse perigo, evite-se comer dessa carne.

Paulo aproveita este ponto de partida para um desenvolvimento que vai muito além da questão inicial: comer ou não comer carne imolada aos ídolos não é importante; o importante é não voltar a cair na idolatria e nos vícios anteriores; o importante é esforçar-se seriamente por viver em comunhão com Deus. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Primeira Epístola do Apóstolo São Paulo aos Coríntios ///
A leitura deve ser serena, respeitando pausas e pontuação. Ler exortativamente o negrito .	Irmãos: // Não quero que ignoreis / que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, / passaram todos através do mar / e na nuvem e no mar, / receberam todos o batismo de Moisés. //
Ler em tom diferente o <i>itálico</i> .	<i>Todos comeram o mesmo alimento espiritual / e todos beberam a mesma bebida espiritual. //</i>
Valorizar o <u>sublinhado</u> .	Bebiam de um rochedo espiritual que os acompanhava: // <u>esse rochedo era Cristo.</u> //
Ler em tom diferente o <i>itálico</i> . Em tom afirmativo o <u>sublinhado</u> ; e em tom diferente o <i>itálico</i> .	Mas a maioria deles não agradou a Deus, / pois caíram mortos no deserto. // Esses factos aconteceram para nos servir de exemplo, / a fim de não cobiçarmos o mal, / <i>como eles cobiçaram. //</i>
O <i>itálico</i> em tom diferente. Valorizar o negrito .	<u>Não murmureis, como alguns deles murmuraram,</u> / tendo perecido às mãos do Anjo exterminador. // Tudo isto lhes sucedia para servir de exemplo / e foi escrito para nos advertir, / a nós que chegámos ao fim dos tempos. //
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Portanto, quem julga estar de pé / tome cuidado para não cair. ///
	Palavra do Senhor

MENSAGEM a retirar desta leitura:

A título de exemplo, Paulo apresenta a história do Povo de Deus do Antigo Testamento. Os israelitas foram todos conduzidos por Deus (a nuvem), passaram todos pela água libertadora do Mar Vermelho, alimentaram-se todos do mesmo maná e da mesma água do rochedo “que era Cristo” (Paulo inspira-se numa antiga tradição rabínica segundo a qual o rochedo de Nm 20,8 seguia Israel na sua caminhada pelo deserto; e, para Paulo, este rochedo é o símbolo de Cristo, pré-existente, já presente na caminhada para a liberdade dos hebreus do Antigo Testamento); mas isso não evitou que a maior parte deles ficasse prostrada no deserto, pois o seu coração não estava verdadeiramente com Deus e cederam à tentação dos ídolos.

Assim também os coríntios, embora tenham recebido o Baptismo e participado da Eucaristia, não têm a salvação garantida: não bastam os ritos, não basta a letra. Apesar do cumprimento das regras, os sacramentos não são mágicos: não significam nada e não realizam nada se não houver uma adesão verdadeira à vontade de Deus. Aos “fortes” e “auto-suficientes” de Corinto, Paulo recorda: o fundamental, na vivência da fé, não é comer ou não carne imolada aos ídolos; mas é levar uma vida coerente com as exigências de Deus e viver em verdadeira comunhão com Deus. *in Dehonianos*

IV DOMINGO QUARESMA – ANO C – 27.03.2022

I LEITURA

AMBIENTE

O livro de Josué narra a entrada e a instalação do Povo de Deus na Terra Prometida. Recorrendo ao género épico (relatos enfáticos, exagerados, maravilhosos) e apresentando idealmente a tomada de posse da Terra como um passeio triunfal do Povo com Deus à frente, os autores deuteronomistas vão sublinhar a acção maravilhosa de Jahwéh que, através do seu poder, cumpre as promessas feitas aos antepassados e entrega a Terra Prometida ao seu Povo. Não é um livro muito preciso do ponto de vista histórico; mas é uma extraordinária catequese sobre o amor de Deus ao seu Povo.

No texto que a liturgia de hoje nos propõe, os israelitas, vindos do deserto, acabaram de atravessar o rio Jordão. Estão em Guilgal, um lugar que não foi ainda localizado, mas que devia situar-se não longe do Jordão, a nordeste de Jericó. Aproxima-se a celebração da primeira Páscoa na Terra Prometida e só os circuncidados podem celebrar a Páscoa (cf. Ex 12,44.48); por isso, Josué faz o Povo passar pelo rito da circuncisão, sinal da aliança de Deus com Abraão e, portanto, sinal de pertença ao Povo eleito de Jahwéh (cf. Gn 17,10-11). É neste contexto que aparecem as palavras de Deus a Josué referidas na primeira leitura. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro de Josué ///
<p>TEXTO NARRATIVO LER DEVAGAR, SEM PRESSAS! Ler o <i>itálico</i> em tom diferente. Valorizar expressivamente o <u>sublinhado</u> (discurso direto) Atenção ao Ó-PRÓ-BRI-O.</p> <p>Lê-se com todas as sílabas "abertas": GÁL-GÁ-LÁ. O <i>itálico</i> em tom diferente.</p> <p>Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.</p> <p>Lê-se Á-zi-mos. Acentua-se a primeira sílaba.</p> <p>Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.</p> <p>Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.</p>	<p><i>Naqueles dias, /</i> disse o Senhor a Josué: // «Hoje tirei de vós o opróbrio do Egipto». ///</p> <p>Os filhos de Israel acamparam em Gálgala / e celebraram a Páscoa, / no dia catorze do mês, <i>à tarde, /</i> na planície de Jericó. // <i>No dia seguinte à Páscoa, /</i> comeram dos frutos da terra: // pães ázimos e espigas assadas nesse mesmo dia. /// Quando começaram a comer dos frutos da terra, / <i>no dia seguinte à Páscoa, /</i> cessou o maná. ///</p> <p>Os filhos de Israel não voltaram a ter o maná, / mas, <i>naquele ano, /</i> já se alimentaram dos frutos da terra de Canaã. ///</p>
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

MENSAGEM a retirar desta leitura:

O rito da circuncisão, destinado a todos “os que nasceram no deserto, durante a viagem, depois do êxodo” (Jos 5,5), terminou e todos fazem, agora, parte do Povo de Deus. É um Povo renovado, que dessa forma reafirmou a sua ligação ao Deus da aliança. O rito levado a cabo por Josué faz-nos pensar numa espécie de “conversão” colectiva, que põe um ponto final no “opróbrio do Egipto” e assinala um “tempo novo” para o Povo de Deus.

A questão central deste texto gira à volta da vida nova que começa para o Povo de Deus. A Páscoa, celebrada nessa terra livre, marca o início dessa nova etapa. Israel é, agora, um Povo novo, o Povo eleito, comprometido com Jahwéh, definitivamente livre da escravidão, que inicia uma vida nova nessa Terra de Deus onde “corre o leite e o mel”. *in Dehonianos*

IV DOMINGO QUARESMA – ANO C – 27.03.2022 II LEITURA

AMBIENTE

Por volta de 56/57, chegam a Corinto missionários itinerantes que se apresentam como apóstolos e criticam Paulo, lançando a confusão. Provavelmente, trata-se ainda desses “judaizantes” que queriam impor aos pagãos convertidos as práticas da Lei de Moisés (embora também possam ser cristãos que condenam a severidade de Paulo e que apoiam o laxismo da vidados coríntios). De qualquer forma, Paulo é informado de que a validade do seu ministério está a ser desafiada e dirige-se a toda a pressa para Corinto, disposto a enfrentar o problema. O confronto é violento e Paulo é gravemente injuriado por um membro da comunidade (cf. 2 Cor 2,5-11;7,11). Na sequência, Paulo abandona Corinto e parte para Éfeso. Passado algum tempo, Paulo envia Tito a Corinto, a fim de tentar a reconciliação. Quando Tito regressa, traz notícias animadoras: o diferendo foi ultrapassado e os coríntios estão, outra vez, em comunhão com Paulo. É nessa altura que Paulo, aliviado e com o coração em paz, escreve esta Carta aos Coríntios, fazendo uma tranquila apologia do seu apostolado.

O texto que nos é proposto está incluído na primeira parte da carta (2 Cor 1,3-7,16), onde Paulo analisa as suas relações com os cristãos de Corinto. Neste texto em concreto, transparece essa necessidade premente de reconciliação que vai no coração de Paulo. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Segunda Epístola do Apóstolo São Paulo aos Coríntios ///
RECÔNCLIAÇÃO – ideia central do texto	
Ler exortativamente Irmãos . Ler bem o <u>sublinhado</u> , pois apresenta-se como a ideia primeira, de que deriva o resto da leitura. Em tom expressivo o <i>itálico</i> .	Irmãos: // Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. //
Valorizar, ler bem as palavras a negrito .	<i>As coisas antigas passaram; tudo foi renovado. //</i> Tudo isto vem de Deus, / que por Cristo nos reconciliou consigo / e nos confiou o ministério da reconciliação . //
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.	<i>Na verdade, /</i> é Deus que em Cristo reconcilia o mundo consigo, / não levando em conta as faltas dos homens / e confiando-nos a palavra da reconciliação . ///
Valorizar a frase. O <i>itálico</i> lido em tom diferente.	Nós somos, portanto, embaixadores de Cristo; // é Deus quem vos exorta por nosso intermédio. ///
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.	Nós vos pedimos em nome de Cristo: // reconciliai-vos com Deus. // <i>A Cristo, que não conhecera o pecado, /</i> Deus identificou-O com o pecado por causa de nós, / para que em Cristo nos tornemos justiça de Deus. ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

MENSAGEM a retirar desta leitura:

A palavra-chave desta leitura é “reconciliação” (das dez vezes que Paulo utiliza o verbo “reconciliar” e o substantivo “reconciliação”, cinco correspondem a esta passagem). Transparece, portanto, aqui, a angústia de Paulo pelo “distanciamento” dos seus queridos filhos de Corinto e a sua vontade de refazer a comunhão com eles.

Mas, para além da reconciliação entre os coríntios e Paulo, é necessária a reconciliação entre os coríntios e Deus. Daí a ardente chamada do apóstolo a que os coríntios se deixem reconciliar com Deus. “Em Cristo”, Deus ofereceu aos homens a reconciliação; aderir à proposta de Cristo é acolher a oferta de reconciliação que Deus fez. Ser cristão implica, portanto, estar reconciliado com Deus (isto é, aceitar viver com Ele uma relação autêntica de comunhão, de intimidade, de amor) e com os outros homens. Isto significa, na prática, ser uma criatura nova, um homem renovado.

É desta reconciliação que Paulo se fez “embaixador” e arauto; o ministério de Paulo passa por pedir aos coríntios que se reconciliem com Deus e que nasçam, assim, para a vida nova de Deus. É evidente que esta chamada não é só válida para os cristãos de Corinto, mas serve para os cristãos de todos os tempos: os homens têm necessidade de viver em paz uns com os outros; mas dificilmente o conseguirão, se não viverem em paz com Deus.

O texto termina (vers. 21) com uma referência à eficácia reconciliadora da morte de Cristo: pela cruz, Deus arrancou-nos do domínio do pecado e transformou-nos em homens novos. Que quer isto dizer? Ao ser morto na cruz pela Lei, Cristo mostrou como a Lei só produz morte, desqualificou-a e afastou-nos dela, permitindo-nos o verdadeiro encontro com Deus; e pela cruz, Jesus ensinou-nos o amor total, o amor que se dá, libertando-nos do egoísmo que impede a reconciliação com Deus e com os irmãos. *in Dehonianos*

ORAÇÃO FINAL

*Pedi a Deus que me desse força para sobressair perante os outros,
deu-me debilidade para obedecer humildemente.*

*Pedi a Deus que me desse riqueza para obter a felicidade,
deu-me pobreza para ser prudente.*

*Pedi a Deus saúde para poder fazer obras grandiosas,
deu-me algumas enfermidades para fazer obras melhores.*

*Pedi a Deus tudo para gozar a vida,
deu-me a vida para poder gozar de tudo.*

*Não recebi de Deus nada do que pedi,
Mas, sim, tudo o que poderia esperar.*

*Apesar de mim mesmo, uma a uma foram ouvidas todas as minhas orações.
Sou, entre todos os homens, o mais afortunado.*

Autor anónimo